

AGROECOLOGIA E SEMENTES CRIOULAS: A PRODUÇÃO DE COMIDA DE VERDADE NAS COMUNIDADES CAMPONESAS DE CATALÃO/GO

Bárbara Victória da Silva Soares¹

Nádia de Sousa Silva²

Marcelo Rodrigues Mendonça³

RESUMO

A pesquisa consiste na análise do uso de sementes crioulas e agroecologia como formas de (Re)Existência camponesa, produzindo comida de verdade. Sabendo-se que as sementes crioulas são fundamentais para a agricultura camponesa, preservadas e cuidadas por povos originários para que não sejam contaminadas pelo agrohidronegócio, perfazem as identidades desses povos. E, a agroecologia agrupa uma série de conhecimentos tradicionais e conhecimentos recentes. Assim, a pesquisa constitui como objetivo apresentar a utilização de sementes crioulas, a implantação dos Corredores Agroecológicos e os efeitos na agrobiodiversidade e na produção de comidas nas Comunidades Camponesas em Catalão/GO. Para isso, amparou-se em trabalho de campo nas Comunidades Camponesas do Município de Catalão/GO, envolvendo oficinas oferecidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Cerrados) em parceria com o Movimento Camponês Popular (MCP), e ainda ocorreram atividades de seleção massal participativa de milho crioulo em propriedades camponesas. Além disso, a pesquisa ancora-se numa perspectiva qualitativa, pautando-se em um aporte teórico e bibliográfico. Com a expansão do agrohidronegócio nas áreas de Cerrado, ocorreram intensas transformações, fazendo com que seja necessário (Re)Existências por parte dos sujeitos sociais, estabelecidas de forma política ao exercerem aspectos culturais, práticas, saberes e fazeres tradicionais, que podem ser revelados também por meio da produção de comida de verdade.

Palavras-chave: Sementes Crioulas, Agroecologia, Corredor Agroecológico, Produção de Comida; Catalão/GO.

RESUMEN

La investigación consiste en analizar el uso de semillas criollas y la agroecología como formas de (Re)Existencia campesina, produciendo alimentos reales. Sabiendo que las semillas criollas son fundamentales para la agricultura campesina, preservadas y cuidadas por los pueblos indígenas para que no sean contaminadas por el agrohidronegocio, conforman las

¹ Mestranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). barbaravicbvss@gmail.com

² Doutoranda no Curso de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). naddyasousa@hotmail.com

³ Orientador da pesquisa. Professor Doutor no Curso Geografia e de Pós-Graduação em Geografia (PPGEO/IESA) da Universidade Federal de Goiás (UFG). marcelomendonca@ufg.br

identidades de estos pueblos. Y la agroecología agrupa una serie de conocimientos tradicionales y los conocimientos recientes. Así, el objetivo de la investigación es presentar el uso de semillas nativas, la implementación de Corredores Agroecológicos y los efectos sobre la agrobiodiversidad y la producción de alimentos en Comunidades Campesinas de Catalão/GO. Para ello, se realizaron trabajos de campo en las Comunidades Campesinas del Municipio de Catalão/GO, involucrando talleres ofrecidos por la Empresa Brasileña de Investigación Agropecuaria (Embrapa Cerrados) en alianza con el Movimiento Popular Campesino (MCP), y también se realizaron actividades de selección. Colocar masificación participativa de maíz criollo en propiedades campesinas. Además, la investigación está anclada en una perspectiva cualitativa, basada en soporte teórico y bibliográfico. Con la expansión de los agrohidronegocios en las zonas del Cerrado, se produjeron intensas transformaciones, haciendo necesarias (Re)Existencias por parte de los sujetos sociales, constituidas de manera política al ejercer aspectos culturales, prácticas, saberes y usos tradicionales, que también pueden ser revelados. a través de la producción de alimentos reales.

Palabras clave: Semillas Criollas, Agroecología, Corredor Agroecológico, Producción de alimentos, Catalão/GO.

INTRODUÇÃO

A utilização de sementes crioulas e a implantação dos Corredores Agroecológicos se configuram como práticas agroecológicas para a recuperação de áreas degradadas nas Comunidades Camponesas. São nesses territórios que ocorre o processo da produção da *comida de verdade*⁴ e dos saberes e fazeres que são socializados e mantidos pelos camponeses e/ou vizinhos, engajados nessas práticas, mantendo as relações de convivência entre os familiares e as pessoas que ali desenvolvem as atividades laborais. É ali também que ocorrem as relações de cooperação, colaboração, confraternização entre os sujeitos sociais que vivenciam/experenciam esses territórios cotidianamente.

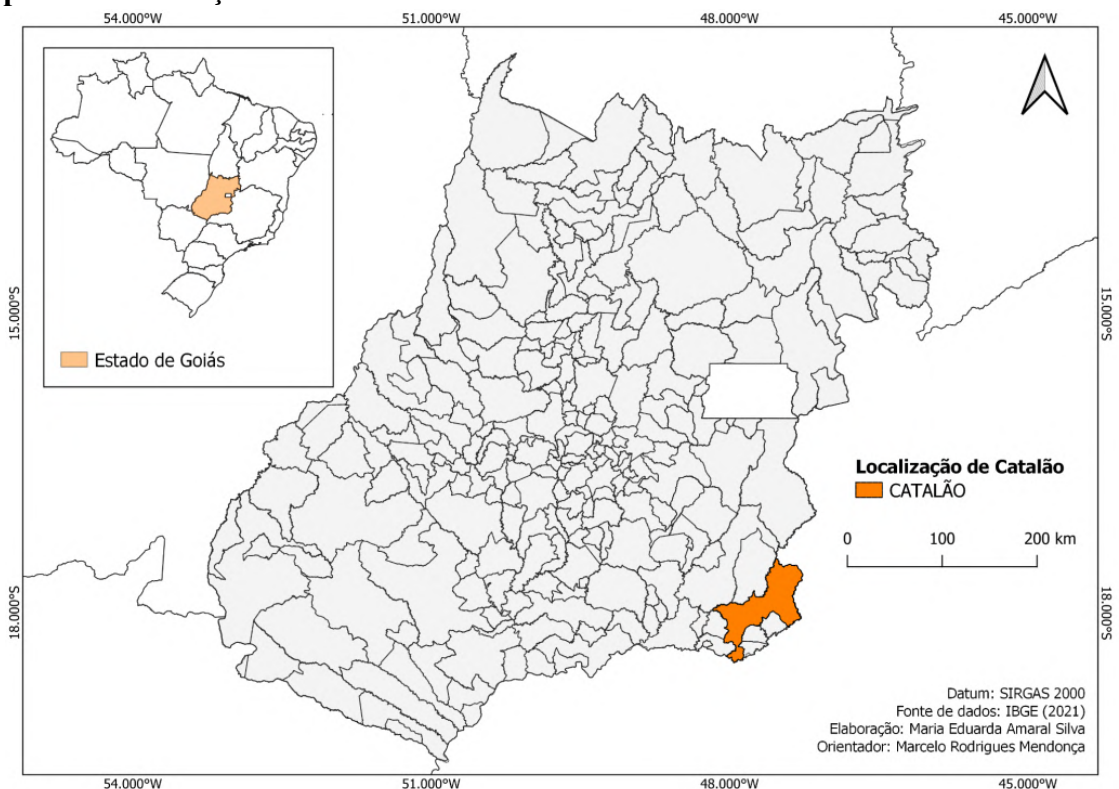
Neste artigo apresentamos reflexões sobre a produção de comida de verdade, embora predomine o agrohidronegócio e a mineração nesse território, são os agricultores camponeses nas comunidades rurais que praticam a agricultura, responsáveis pela produção dos alimentos, se opondo a lógica das *commodities*.

⁴ A comida de verdade, se refere aos alimentos que são pouco processados, ou àqueles produzidos na lida diária com a terra, com a natureza, como por exemplo, (mandioca, banana, batata, quiabo, hortaliças entre outros). Para RAIS/CO, 2016, “A *comida de verdade* é aquela que atende não apenas as nossas necessidades nutricionais, mas também nossas demandas psicossociais, culturais e às do meio ambiente como um todo” (p. 01).

Essas relações e práticas configuram-se em um movimento de (Re)Existência, definido como o movimento político firmado nos elementos sociais e culturais dos povos para continuarem existindo e (Re)existindo frente aos desafios impostos pelo capital (PELÁ; MENDONÇA, 2010).

O presente estudo tem por objetivo apresentar a utilização de sementes crioulas, a implantação dos Corredores Agroecológicos e os efeitos na agrobiodiversidade e na produção de comidas nas Comunidades Camponesas em Catalão/GO. O município de Catalão se localiza no Estado de Goiás, sua população segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) é de 114.427 habitantes (2022). A localização do município é apresentada no Mapa 01.

Mapa 01: Localização de Catalão/GO.



Fonte: SILVA, M. E. A., 2023.

O intuito é refletir sobre os processos de apropriação espacial e produção dos territórios, dos quais decorrem as territorialidades dos sujeitos sociais que vivenciam a produção de *comida de verdade* como estratégia de (Re)Existência e reprodução social. Sob esse viés de análise, entender o modo como ocorre a produção desses alimentos é

compreender a sua essência ao abordar o significado da produção da *comida de verdade* para os sujeitos sociais envolvidos.

O agrohidronegócio, entendido como um agrupamento de ações realizadas pelo capital, englobando a territorialização do agronegócio, se apropria não somente das terras, mas também das águas e do trabalho (MENDONÇA; MESQUITA, 2007).

Com a expansão do agrohidronegócio nas áreas de Cerrado, a imposição da produção de monocultivos (*commodities*) e do avanço das mineradoras ocorreram intensas transformações nesses territórios, em que os sujeitos sociais estabelecem e constroem estratégias políticas e culturais de (Re)Existência, ou seja, por meio de suas práticas, saberes, fazeres viabilizam a produção na terra, por meio dos Corredores Agroecológicos, como condição fundamental de sua reprodução e (Re)Existência.

METODOLOGIA

A pesquisa ancora-se numa perspectiva qualitativa e quantitativa, analisando os fenômenos espaciais e suas múltiplas relações, pautando-se em um aporte teórico e bibliográfico, se procedeu ao levantamento de artigos e outras pesquisas acerca da temática e seus componentes. Por conseguinte, foi realizado um trabalho de campo, *in lócus*, nas Comunidades Camponesas do Município de Catalão/GO. Para tanto usou-se a revisão bibliográfica e o trabalho de campo por meio da observação participante, pois o processo de participação é entendido a partir de três elementos que, juntos, definem sua prática: a conscientização dos envolvidos(as); a organização da Comunidade; e a capacitação técnica, incorporada aos saberes/fazeres dos sujeitos sociais.

O trabalho de campo envolveu oficinas oferecidas pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Cerrados) em parceria com o Movimento Camponês Popular (MCP), cujas temáticas relacionavam-se com sementes crioulas, a agroecologia, agrobiodiversidade, estratégias de manejo e produção. No mesmo trabalho de campo ainda ocorreram atividades de seleção massal participativa de milho crioulo (variedades Sol da Manhã e Eldorado) em propriedades camponesas. Dessa forma, houve a sistematização das discussões, anotações e observações realizadas em campo, bem como a associação com as discussões teóricas, dispondo de elementos que permeiam a realidade dos recursos territoriais e sujeitos envolvidos.

REFERENCIAL TEÓRICO

A produção e a reprodução camponesa caracterizam o seu modo de vida, que é marcado por práticas de ajuda mútua, por meio dos mutirões, que fortalecem e consolidam a solidariedade entre os grupos camponeses. A forma empreendida pelos camponeses não quer dizer que eles não estão inseridos na dinâmica do sistema capitalista de produção, que não são modernos, mas que criam e recriam alternativas para continuar desenvolvendo suas atividades tradicionais. Essas alternativas encontradas por esses sujeitos sociais, para continuarem *(Re)Existindo* nesses espaços rurais, revelam-se nas estratégias e nos instrumentos de luta, dentro do contexto das adversidades das relações capital x trabalho, isto é, os cultivos alimentares na perspectiva do campesinato, contra o monocultivo empresarial. Para Corrêa (1996), essas estratégias são definidas pelas suas territorialidades, em que “se refere ao conjunto de práticas e suas expressões materiais e simbólicas capazes de garantir a apropriação e permanência de um dado território” (CORRÊA, 1996, p. 251-252).

Tais práticas estão imbuídas de territorialidades, que no dizer de Haesbaert (2007, p. 112) é uma “qualidade indispensável para ser ou para se fazer território”. Nessa direção, Haesbaert (2008, p. 21) ainda sustenta que: “a territorialidade, além de incorporar uma dimensão estritamente política, diz respeito também às relações econômicas e culturais”. Nessa perspectiva, os cultivos de alimentos se constituem como uma atividade vital para as comunidades camponesas e, a partir disso, elas *(Re)Existem* em seus territórios devido a um tipo de trabalho ancorado em seu modo de vida particular. O trabalho das famílias camponesas é mediado pela (re)invenção das práticas agroecológicas e as várias formas de cultivar os alimentos. Essa assertiva reflete as experiências e vivências desses agricultores no seu cotidiano.

A produção dos alimentos conduzida pelos camponeses se configura como “uma recusa total de ser excluída da política de desenvolvimento agrícola” (DESMARAIS, 2013, p. 49), considerando a produção camponesa e a sua diversidade como práticas contrárias às atividades hegemônicas do capital, pois essa produção se constitui em uma atividade enraizada nos modos de vida desses grupos.

Corroborando essa afirmativa, os autores pontuam que: “[...] a condição camponesa vem sendo socialmente reconhecida como uma forma eficaz e legítima de se apropriar de recursos produtivos” (MOTTA; ZARTH, 2008, p. 7). Dessa forma, o elo entre os aspectos sociais e individuais que permeiam o dia-a-dia desses sujeitos que experienciam esses lugares

seu relação com as manifestações culturais traduzem o processo de construção da identidade social destes com o território.

Com o avanço do modelo capitalista no campo, a terra e a água passam a ser tratadas como mercadorias e objeto de disputa, se configurando no agrohídronegócio, causando inúmeros conflitos. Assim, a terra passa a integrar a lógica de mercado, pois não é produzida pelo trabalho; portanto, a terra por si só não possui valor e não gera lucro. A terra, para os camponeses, possui outra conotação, pois está imbricada com o sentimento de pertencimento que se materializam nas práticas cotidianas; em face disso, os territórios que eles vivem estão relacionados ao “[...] espaço simbolicamente central do *mundus* camponês” (WOORTMANN; WOORTMANN, 1997, p. 59) e se configura como *lócus* de Existência e reprodução da vida. No entanto, apesar da expansão do modo de produção capitalista no campo e diante do consequente processo de crise da sociedade, os camponeses lutam para se reproduzirem enquanto classe social⁵, buscando o direito à terra e ao trabalho na terra. Essas lutas se constituem como estratégias fundamentais para a continuação da reprodução do campesinato.

Thomaz Júnior (2002) retrata que o capitalismo se utiliza do trabalho camponês sujeitando-os a adotarem práticas na produção agrícola de acordo com a lógica de produção capitalista, tais como o uso de tecnologias e de insumos, influenciando-os a se tornarem agricultores familiares empresariais, mesmo que não esteja de acordo com os seus preceitos.

Ao analisarmos as transformações ocorridas acredita-se que estes têm sofrido profundos impactos sobre a sua (re)organização, que resultam em “novos arranjos territoriais produtivos agrícolas” (ELIAS, 2011, 153). É notável que os cultivos dos alimentos elaborados pelos camponeses vêm sofrendo alterações, pois essa produção está vinculada diretamente à expansão/territorialização do agronegócio, que se configura como território em disputa, em que modificam processos rurais para agrícolas e processos tradicionais para modernos (MENDONÇA; PELÁ, 2010).

A configuração estratégica da produção de alimentos pelos camponeses, representa o eixo fundamental de alternativas de trabalho (MENEZES, 2009), assim como a cooperação e

⁵ Reportamos a análise do fazer-se classe assinalada por Thompson, em que, “Classe é uma formação social e cultural (frequentemente adquirindo expressão institucional) que não pode ser definida abstrata ou isoladamente, mas apenas em relação com outras classes; e, em última análise, a definição só pode ser feita através do tempo, isto é, ação e reação, mudança e conflito. Quando falamos de uma classe, estamos pensando em um corpo de pessoas, definido sem grande precisão, compartilhando as mesmas categorias de interesses, experiências sociais, tradição e sistema de valores, que tem a disposição para se comportar como classe, para definir, a si próprio em suas ações e em sua consciência em relação a outros grupos de pessoas, em termos classistas. Mas classe, mesmo, não é uma coisa, é um acontecimento (THOMPSON, 2001, p. 169).

mobilização social para superação de questões estruturais vinculadas ao agronegócio e/ou decorrentes da ausência ou insuficiência de políticas públicas para a reprodução das relações sociais.

Nesse sentido, a elaboração dos alimentos apresenta-se com o intuito desses sujeitos sociais se manterem *Existindo*. Para a sua sobrevivência, os saberes e fazeres constituem-se na prática da produção dos alimentos identitários que proporcionam a busca por novos saberes ou o seu aperfeiçoamento. O saber-fazer é compreendido como um processo que envolve a rememoração das experiências passadas e a tradução desses hábitos em ações cotidianas, pois permite que o sujeito social experimente e vivencie diferentes situações no seu cotidiano.

Para Contreras; Gracia (2011, p. 139) os alimentos refletem as sociedades, pois: “Cada grupo social possui um quadro de referências que guia a escolha de seus alimentos. Algumas dessas referências são compartilhadas com outros grupos, outras são exclusivas”. No dizer dos autores, os comportamentos alimentares estão em constante transformação e podem promover alterações nos territórios.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Por constituir um conceito relativamente recente, principalmente na Geografia, a Agroecologia compreende uma pluralidade de sentidos. Em suma, constitui uma totalidade de conhecimentos, saberes e técnicas tradicionais, aliados a novos conhecimentos científicos e técnicos. Dessa forma trata de uma série de elementos ancestrais que agrupam princípios culturais e ecológicos de povos originários, *sem abrir mão* de conhecimentos recentes que em colaboração com preceitos da Ecologia, abrange aspectos sociais, econômicos, políticos e culturais.

A Agroecologia é política, e isso demanda uma compreensão ampliada, pois é nos processos das ações sociais, coletivas, que ocorrem as transformações sociais, ultrapassando o conflito econômico imediato, as ações localizadas e assistencialistas, concebendo, em último caso, a superação do sistema capitalista (GUHUR; TONÁ, 2012).

Se tratando das sementes, estas por sua vez, são fundamentais para a agricultura, para que os camponeses consigam atingir autonomia e soberania no processo produtivo, sendo eles primordiais para o *resgate e guarda* de sementes e de suma importância para a produção de *comida de verdade*, condição para a soberania e segurança alimentar, assegurando a

preservação das tradições reinventadas para (Re)Existir por meio de patrimônio genético, da preservação dos territórios cerradeiros (fauna, flora, solos, água, saberes, fazeres).

Com a expansão do capital e modernização do campo, as sementes começaram a sofrer erosão genética, por conta da contaminação pelo uso de agrotóxicos, melhoramentos genéticos, aditivos e uso de transgenia, a partir da dominação dos grupos transnacionais. Em relação a isso Maicá (2012, p. 702) acrescenta que: “A expansão da fronteira agrícola causou pressão em todos os ecossistemas terrestres, ocorrendo uma erosão genética jamais vista na humanidade, e muitas espécies foram dizimadas”.

As sementes crioulas relacionam-se com um grande e diverso número de exemplares selecionados e preservados sob os cuidados de povos originários e que fazem parte da história desses povos, perfazendo as suas identidades. Tais sementes necessitam ser conservadas para que não sejam contaminadas pelo agrohidronegócio. Maicá (2012) sintetiza as sementes crioulas e seus processos da seguinte forma:

É o material cultivado localmente, geração após geração, o que determina a sua adaptação à comunidade onde está sendo cultivado, pelos camponeses que ali habitam. A semente é selecionada pelo método de seleção massal. Como exemplo, podemos citar as diversas variedades de milho, feijão e alface, entre outros, dos quais os agricultores possuem as sementes por várias gerações, sementes que são constantemente plantadas e multiplicadas localmente. À medida que o agricultor seleciona as sementes durante certo período de tempo, ele as melhora e aclimata às variações de um local (MAICÁ, 2012, p. 703).

A conservação das sementes crioulas é possibilitada a partir da Agroecologia. Em oficinas realizadas em parceria entre Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa Cerrados) e o Movimento Camponês Popular (MCP), intituladas como “Estratégia da Produção de Sementes Agrocológicas a partir do Manejo da Agrobiodiversidade” e “Estratégia do MCP na Produção de Sementes Crioulas” ficou evidente a relação entre a agricultura ecológica, a luta pela preservação de sementes crioulas e a reprodução social do campesinato.

De acordo com Altair Toledo Machado, que ministrou a primeira oficina, a agrobiodiversidade é a base para a Agroecologia. Nessa direção, Machado et.al, assevera que esta pode ser entendida como a associação de três níveis de complexidade referentes à biodiversidade, que é a diversidade entre espécies, dentro de espécies e de ecossistemas (MACHADO; SANTILI; MAGALHÃES, 2008, p. 28). Dessa forma, a agrobiodiversidade pode ser compreendida como a reconstrução do que os povos originários realizavam,

fornecendo suporte para o desenvolvimento da Agroecologia, por meio dos conhecimentos tradicionais, ecologia, interação entre espécies, estratégia e métodos para manejo da diversidade genética.

Baseando-se nessa abordagem, o MCP dedica-se à produção de sementes crioulas, que constitui o início da produção de *comida de verdade*, que gera o fortalecimento das comunidades e povos originários e dos movimentos sociais. Assim, a partir da preservação, conservação e seleção massal das sementes (Figura 01), torna-se possível a melhoramento das variedades de sementes para que possam ser distribuídas nas Comunidades Camponesas e até mesmo a realização de comercialização de comidas produzidas a partir das mesmas.



Figura 01: Variedades de milhos advindos das sementes crioulas (Eldorado e Sol da Manhã).

Fonte: Soares, 2023.

A seleção das sementes é realizada para que ocorra cada vez mais o melhoramento de determinada variedade de semente tradicional. Sendo que, cada semente é cultivada, selecionada e distribuída a depender do objetivo e preferência do camponês/ produtor. No caso do milho crioulo podem ser cultivadas variedades, tendo em vista, a produção de ração animal, de silagem e outras necessidades, objetivando o autoconsumo dos camponeses e a comercialização para a população em geral (pamonha, quitandas, fubá, farinha, curau, milho cozido etc.).

As Comunidades Camponesas em Catalão/GO com o apoio do MCP e da Embrapa Cerrados, plantam e fazem a seleção através do cultivo dos Corredores Agroecológicos (Figura 02).



Figura 02: Cultivo em Corredores Agroecológicos em Catalão/GO.

Fonte: Soares, 2023.

De acordo com Machado; Machado (2015, p. 103) os Corredores Agroecológicos encontram na agrobiodiversidade formas de manejo adequado, baseando-se em sua eficiência e sustentabilidade, que são formadas por meio de glebas rotativas e nativas. Os autores reiteram que:

[...] os corredores agroecológicos referem-se a áreas individuais ou coletivas onde faixas de cultivos alimentares são combinadas, temporal e espacialmente, com espécies de plantas de cobertura e outras de interesse local, compondo um sistema de consórcios e rotações. Estruturadas dessa forma, as combinações de cultivos garantem a construção da fertilidade dos solos pelo aporte de matéria orgânica e exploração diferenciada de nutrientes, cuja ciclagem é promovida pelos sistemas radiculares e organismos associados, além de promover o controle biológico de infestantes, insetos e fitopatógenos (MACHADO; MACHADO, 2015, p.103).

Os corredores agroecológicos se constituem como estratégias para a produção de alimentos e sementes focados no manejo da agrobiodiversidade para os agricultores camponeses. Esses corredores surgem com o intuito de recuperar áreas degradadas, diminuição de insumos agrícolas, bem como estimular os camponeses a produzirem seus alimentos, uma vez que, grande parte do Cerrado brasileiro, vem sofrendo alterações expressivas nos sistemas agrícolas, em virtude da expansão do capitalismo no campo. Outro fator que chama a atenção, está relacionado com a substituição das variedades de sementes

por outras geneticamente modificadas, bem como as maneiras como estão sendo cultivadas, centralizadas nas monoculturas.

Os corredores agroecológicos consistem em faixas contínuas de diferentes cultivos alimentares e espécies de plantas de cobertura intercaladas de forma planejada para explorar a diversidade funcional. Essa estratégia é uma descrição do manejo da agrobiodiversidade, onde nos corredores são combinados com uma variedade e sucessões de cultivos selecionados e do interesse do camponês, utilizando as melhores variedades selecionadas dessas espécies. A escolha das variedades ou genótipos são feitas com base em testes de competição e seleção anteriores realizadas em unidades de demonstração, selecionados por sua produtividade ou características específicas (MACHADO, 2019).

Dessa forma, os camponeses plantam as sementes crioulas ao lado de outras espécies nativas de leguminosas e sementes diversas, por exemplo. Assim, conquistam sementes próprias para alimentação, diferentemente das sementes transgênicas que são feitas para a indústria e o comércio de *commodities*. Ainda com a preservação de tais sementes tradicionais, é possível preservar também as práticas socioculturais, além do fortalecimento da agricultura camponesa na luta pela soberania alimentar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aborda uma reflexão sobre as (Re)Existências no contexto da agricultura camponesa no Município de Catalão/GO, por meio da utilização de sementes crioulas e da implantação dos Corredores Agroecológicos. Assim, apesar do predomínio do agrohidronegócio são os camponeses que praticam a agricultura camponesa, os responsáveis pela produção dos alimentos – *comida de verdade* – com referências culturais e identitárias, embora predomine a produção das *commodities*, que integra a lógica da realidade goiana e brasileira.

A produção e comercialização de alimentos são de suma importância para a manutenção desses sujeitos sociais, pois se configuram como a prática sociocultural e ambiental de (Re)Existência, materializada nos Corredores Agroecológicos. Essa produção de *comida de verdade* apresenta-se entrelaçada nas relações de proximidade entre os camponeses/produtores e os consumidores desses alimentos, reforçando laços de pertencimento e identidade como estratégias de (Re)Existências e ressignificações do modo de vida e reprodução social dos camponeses no Município de Catalão/GO.



REFERÊNCIAS

BARBIERI, Rosa Lia. (eds): **Coleção Transição Agroecológica: Agrobiodiversidade**. Brasília: Embrapa, ABA, 2015.

CONTRERAS, Jesús; GRACIA, Mabel. **Alimentação, sociedade e cultura**. Tradução: Mayra Fonseca e Barba Atie Guidalli. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Territorialidade e corporação: um exemplo. In: SANTOS, Milton. et al. **Território: globalização e fragmentação**. 2ª Edição. São Paulo: Hucitec 1996.

ELIAS, Denise. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS URBANOS E REGIONAIS**, V.13, N.2 / NOVEMBRO 2011. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/400>. Acesso em: 10 mai. 2023.

GUHUR, Dominique Michèle Periotto; TONÁ, Nilciney. Agroecologia. In: CALDART, Roseli, Salete. et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.

HAESBAERT, Rogério. Concepções de território para entender a desterritorialização. In: SANTOS, Milton. et al (Orgs.). **Território, territórios: ensaios sobre o ordenamento territorial**. 3ª Edição. Rio de Janeiro: Lamparina, 2007, p. 43-71.

MACHADO, Altair Toledo; MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. Agrobiodiversidade e corredores agroecológicos. In: SANTILLI, Juliana.; BUSTAMANTE, Patrícia Goulart; BARBIERI, Rosa Lía. Editoras técnicas. **Agrobiodiversidade**. Brasília: Embrapa, 2015.

MACHADO, Altair Toledo; SANTILLI, Juliana.; MAGALHÃES, Rogério. A agrobiodiversidade com enfoque agroecológico. Brasília, DF: **Embrapa Informação Tecnológica**, 2008.

MACHADO, Cynthia Torres de Toledo. **Corredores agroecológicos como estratégias para a produção de alimentos e sementes focados no manejo da agrobiodiversidade e sustentabilidade de pequenas propriedades familiares (Agrobio II)**. Disponível em: <https://www.embrapa.br/busca-de-projetos/-/projeto/211013/corredores-agroecologicos-como-estrategias-para-a-producao-de-alimentos-e-sementes-focados-no-manejo-da-agrobiodiversidade-e-sustentabilidade-de-pequenas-propriedades-familiares-agrobio-ii>. Acesso em: 10 set. 2023.

MAICÁ, Eitel Dias. Sementes. In: CALDART, Roseli Salete. et al (Org.). **Dicionário da Educação do Campo**. Rio de Janeiro, São Paulo: Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, Expressão Popular, 2012.



MENDONÇA, Marcelo Rodrigues; MESQUITA, Helena Angélica de. O agro-hidro-negócios no cerrado goiano: a construção das (Re)Existências. Anais: **II ENCONTRO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DE BARRAGENS** – Salvador, 2007.

PELÁ, Márcia; MENDONÇA, Marcelo Rodrigues. Cerrado Goiano: encruzilhada de tempos e territórios em disputa. In: PELÁ, Márcia; CASTILHO, Denis. (orgs.). **Cerrados: perspectivas e olhares**. Goiânia: Vieira, 2010.

WOORTMANN, Ellen Fensterseifer; WOORTMANN, Klaas. **O trabalho da terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa**. Brasília, Unb, 1997.

THOMPSON, Edward Palmer. **As Peculiaridades dos Ingleses e outros escritos**. Campinas: Unicamp, 2001.

THOMAZ JUNIOR, Antonio. Por uma Geografia do Trabalho. **PEGADA - A Revista Da Geografia Do Trabalho**, v.3, 2002. Disponível em:
<https://revista.fct.unesp.br/index.php/pegada/article/view/786/809>. Acesso em: 03 ago. 2023.